

## “Muita religião, seu moço!”: um ensaio sobre as religiosidades, a intolerância e a prática ecumênica

Daniel Souza<sup>1</sup>

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que carece de religião: para desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura [...]. Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. *Bebo água de todo rio...*

(Riobaldo, *Grande sertão: Veredas*)

Ao escrever sobre religião, entro no mundo dos símbolos, que trazem novas cores, diversas sensações e diferentes olhares... Religião é como o rio que rasga nosso chão, nossa terra, correndo, movimentando-se com cheiro de novidade. Neste fluir que “sara da loucura”, o corpo-crente – em sua sede e segura – toma a água, deixando-a passar por suas mãos, levando-a a boca: um refrigerio. Religião: espaço poético em que se cria, se crê, se encontra, se *desendoidece*, se torna outro, novo. Coisa de Riobaldo e o seu cotidiano se fazendo sagrado. Como este sertanejo, também estamos bebendo das águas da fé, se aproximando de outros rios, dialogando com outras comunidades, outros sonhos, e é sobre isto que quero partilhar neste texto: um ensaio sobre as religiosidades, a intolerância e a prática ecumênica, um desafio.

A experiência religiosa é uma construção histórica. O seu alicerce está cravado na humanidade, em sua cultura. É algo da gente, em cada contexto. Neste intuito, a religião é marcada pelas histórias que dão *sentido* à vida, com horizonte e significado. É acreditar, como poetizou Rubem Alves: “que, por detrás das coisas visíveis, há um rosto invisível que sorri, presença amiga, braços que abraçam”. Mas também, a religião está ligada à *identidade*, o ser-religioso fala de quem somos, revela o nosso espaço, nossa casa-de-crenças, o riacho que pertencemos. Quem sou? Na resposta – ou por detrás das palavras – aparecem elementos da religiosidade. Além disto, o rio em que bebe Riobaldo se enamora com o *empoderamento* dos sujeitos para o enfrentamento das adversidades do cotidiano. É... a religiosidade traz em si muitas considerações!

O problema – amigo(a) leitor(a) - acontece quando as experiências das *gentes* ganham tanto peso que acabam sendo absolutizadas. A religião passa a ser fechada,

---

<sup>1</sup> Teólogo, mestrando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e facilitador da Rede Ecumênica da Juventude em São Paulo (REJU-SP).

enclausurada. Rio que se transforma em represa, em fé autoritária, fé verdadeira! Em nossa Afro-ameríndia isto já aconteceu. Nesta terra, neste chão em que as palavras e os corpos se encontram, existiam e ainda existem diversas religiosidades: Deus, Deusas, credos diversos, sons variados. A nossa história não começa em 1492, ano do *encobrimento* da América. Aqui, existiam outras culturas, povos, gentes, homens, mulheres e crianças, que também viviam, sofriam, lutavam e inventavam. Aqui, como na Europa, existiam divindades que os povos respeitavam, amavam ou temiam. A este povo Ameríndio se juntou os poderosos, mas juntos deles vieram os corpos marginalizados, que em novas terras procuravam um momento de alívio, uma possibilidade de viver. Também vieram os negros, com sua cultura e sua fé, com laços de solidariedade, a dor dos navios negreiros e as marcas dos açoites.

Mas aos poucos, com o desejo de uma fé única, singular, a diversidade foi sendo encoberta. Colonização: negação do outro. O mosaico religioso foi sendo negado pela cruz-espada, cruz e sangue. E a *pluralidade primordial* foi dando lugar à singularidade excludente. Terras e religiosidades negadas, espoliadas, alimentando o processo de centralidade européia. Um único rio. A religião - antes um espaço em movimento: peregrino, transitório, provisório, existindo como evento que se repete – passa a ser firme, segura demais. Não pode existir outra fonte, outro manancial que brota nos sertões: *Veredas*. Este pensamento colonizador também se faz presente em nossos dias, se mostrando nas atitudes de intolerância religiosa, o desejo antigo de encobrimento do outro. Um só mundo, uma só fonte, um só leito. Celebração da singularidade, com violência física, psicológica e simbólica.

No Brasil, vivemos em um estado laico, com liberdade de consciência, culto e crença. Na lei isto está garantido, mas na prática, as violências e intolerâncias religiosas estão presentes, principalmente em relação às expressões religiosas minoritárias. Negação: não-cristão, não-europeu, não-civilizado, não-moderno. É a opressão daquilo em que se pode crer, em que riacho se pode molhar os pés. Mas esta imposição tem outras máscaras: “é a *missão*, meu jovem!”. Sei... a intolerância é uma prática não assumida, mas bem presente entre nós. Em São Paulo, por exemplo, existe um setor na defensoria pública que acompanha crimes de intolerância religiosa; outros episódios não são denunciados, ficam no silêncio, mas são concretos e reais.

Por realidades como esta, a Rede Ecumênica da Juventude – REJU, nas cinco regiões do país, organiza neste ano a *Campanha Nacional Contra a Intolerância Religiosa*. Esta ação tem como eixo norteador a promoção de direitos (DHESCA)

incidindo de maneira política na sociedade. Uma procura por desenvolver reflexões, parcerias e ações com as juventudes, denunciando intolerâncias e propondo práticas de diálogo e convivência ecumênica. Para tanto, busca-se aprofundar o conhecimento do problema concreto da intolerância religiosa, refletindo sobre suas causas, suas conseqüências e as maneiras de acontecimento; acompanhando as políticas do estado em relação à garantia da liberdade religiosa; e desenvolvendo trabalhos com as comunidades, encontrado na fé que se vivencia a abertura à alteridade.

A decisão da REJU (da *juventude* ecumênica!) relaciona a promoção de direitos com a construção de uma casa realmente habitável para todas as pessoas, em suas distintas confissões religiosas, culturas e espaços. É a busca por nossa *oikoumene*! Casa-comum onde os rios se encontram. Não se negam, nem se fundem. Não se encobrem, mas se revelam. É a afirmação da crença, pois não se entra na prática ecumênica negando a fé, mas afirmando-a; junto com a dimensão da abertura à fé do outro, experienciando o seu mundo, suas vivências.

O encontro com a alteridade envolve uma dimensão da percepção, da vivência. É preciso se encarnar no mundo do outro, como numa experiência *kenótica*, de se esvaziar, em humildade e respeito: “*Bebo água de todo rio...*”, uma experiência “intra-religiosa”. Sentir na corporeidade o encontro religioso do outro, o seu jeito (*ethos*) de viver a fé e a sua religiosidade. Isto traz profundas mudanças nas concepções de espiritualidade. Aqui ela é apreendente, aberta, que se constrói e se afirma com o distinto. Uma espiritualidade pós-colonial, sem o encobrimento da diversidade e a prática da intolerância religiosa, em que por meio do (e no) diálogo se faz a missão de Deus em salvar o mundo, em justiça e amor.

Por fim, espero que este texto – um ensaio sobre a religiosidade e a prática ecumênica – seja cheio de palavras vivas que nos revirem em nossos limites e fronteiras religiosas, fazendo delas locais dinâmicos, de encontro e relação. Levando os *Riobaldos* a saírem de seus limites, numa “travessia e retorno”, buscando a água de outros poços, com outras *gentes*, outros cantos. Como disse Jesus à mulher samaritana, ao se cansar do caminho: “dá-me de beber” (Jo 4.7). Ao ver a face do outro, não podemos negá-lo. Este outro possui rosto, grito, suspiro, palavra. Ele nos encontra em sua graça salvadora e nos chama para uma decisão ética: caminharmos juntos em nossa e por nossa *oikoumene*!